

Caminhando

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Os nossos trabalhos em pedra, em tinta, em papel, são poupados, alguns deles, durante algumas décadas ou por um ou dois milênios, mas tudo deve finalmente desaparecer com a guerra, ou se desvanecer na derradeira e universal cinza - os triunfos, as fraudes, os tesouros e as falsificações. Um fato da vida: vamos morrer. "Tenha um bom coração", choram os artistas mortos no passado ainda vivo. "As nossas canções serão todas silenciadas, mas e daí? Continue a cantar". Talvez o nome de uma pessoa não tenha assim tanta importância.

Orson Welles, in F for Fake

Se estás pronto para deixar pai e mãe, irmão e irmã, mulher e filho e amigos, e nunca mais os ver, - se pagaste as tuas dívidas, fizeste o teu testamento, resolveste todos os teus assuntos e és um homem livre, então estás pronto para uma caminhada.

Henry David Thoreau, in Walking

Este ensaio fotográfico - que tem o título *Caminhando*, lembrando a obra de Henry David Thoreau - faz parte de um projeto maior, a que chamei "L de Liberdade" - pensando em Orson Welles.

Em 1973, Orson Welles lançou o filme *F for Fake* - que se chamou em francês *Vérités et Mensonges, Verdades e Mentiras*. O filme gira em torno da vida de um célebre falsificador profissional de arte, o pintor húngaro Elmyr de Hory. A partir de Hory, Welles questiona onde está a verdade, o quê é afinal a autenticidade enquanto valor da obra de arte.

O quê é a verdade? O quê é a autenticidade na arte?

O filme provoca uma sensação de profundo questionamento

em relação àquilo que acreditamos como "real", como verdade, particularmente no que diz respeito ao mundo da arte.

Dois anos depois do lançamento de *F de Fake* eu trabalharia como co-diretor (realizador) e co-editor com o fotógrafo, realizador e produtor cinematográfico francês Jean Manzon, antigo assistente de Orson Welles.

Meu pai fazia cinema amador e a figura de Orson Welles era uma forte presença em nossa casa. Jean Manzon e Orson Welles tinham a mesma idade. Meu pai era três anos mais novo. Manzon era muito amigo do meu querido mestre e inesquecível amigo, o poeta e escritor Jorge Medauar, que era da mesma geração do meu pai. Todos amavam Portugal. Manzon - que se tornara amigo do meu pai - morreria na mágica cidade de Reguengos de Monsaraz, no Alentejo, Portugal, em 1990.

O Jean Manzon que eu conheci era um espírito independente, não admitia qualquer tipo de doutrinação - embora viesse a ser acusado exatamente disso, injustamente no meu ponto de vista.

Neste projeto, lido com a liberdade, num certo sentido tal como Orson Welles lidou com a verdade.

L de Liberdade é um projeto multidimensional, com obras visuais, filmes, concertos, textos, poemas, fotografias e assim por diante.

Meu livro *Liberdade* - parte do grande projeto - é, num certo sentido, a sustentação filosófica de todas essas peças.

Confesso que muitas vezes eu me pergunto se ainda haverá, no mundo de hoje, alguém verdadeiramente interessado nesse projeto, na ideia subjacente a ele, o princípio da liberdade, ideia que fundou aquilo a que chamamos de civilização ocidental.

Uma ideia que parece estar diretamente relacionada ao ato de caminhar, como conto no meu livro *Liberdade*.

A ideia da liberdade produziu os mais longos momentos de paz na História, prolongou a expectativa de vida como jamais tinha acontecido antes, revelou-nos muito do Universo, das partículas subatômicas, anunciou-nos os complexos campos gravitacionais, o espaço-tempo, as linhas de força de Faraday, os princípios

eletromagnéticos, a emergência, a autopoiese, a Teoria das Cordas, a física quântica, os meios digitais, e também pessoas geniais como Sócrates, Platão, Aristóteles, Leonardo da Vinci, Caravaggio, Charles Sanders Peirce, John Wheeler, René Berger, Joseph Beuys, John Cage... a lista é interminável, onde cada elemento parece ser um momento de um processo lógico que conhecemos como "caminhar".

Haverá ainda alguém que dê atenção ao caminhar? Que se encante com a metamorfose de si próprio e do caminho?

Quantos ainda estarão, em nossos narcisistas dias, encantados com o caminhar, com a sua própria e livre transformação?

Caminhar sempre foi um irresistível impulso ao longo de toda a minha vida. Desde que tenho consciência de ser quem sou, caminhar tem sido sempre algo fundamental para mim.

Comecei a caminhar muito cedo. Aos quatro anos de idade, perdi-me três vezes em praias. Saí caminhando, curioso pela descoberta do que o próximo passo me revelaria. Foram três momentos dramáticos. Então, quando tive consciência de que tinha me perdido, cheguei a temer nunca mais reencontrar os meus pais. Acreditei que poderia ficar perdido para sempre!

Depois daqueles momentos traumáticos, nunca mais me perdi. Mas, nunca deixei de fugir para caminhar.

Ainda criança, eu gostava de sair secretamente de casa, escondido dos meus pais, como um explorador diante de fascinantes novos mundos.

Eu admirava a gigantesca cidade de São Paulo que para mim era um fabuloso universo de descobertas.

Muito tempo depois, já adulto, descobri nos diários do meu avô que o meu pai fazia exatamente o mesmo quando era criança, fugia e caminhava por quilômetros.

Muitas vezes eu saía em segredo, sem que ninguém pudesse perceber, apenas para descobrir algo mais do labirinto urbano em que vivíamos. Fugia como um explorador, para descobrir as ruas do nosso bairro. Eu tinha, quatro ou cinco anos de idade. Estabelecia

metas. Chegava a um determinado ponto pré-estabelecido a partir do qual eu voltava para casa. No dia seguinte minha missão era superar aquele ponto, estabelecer uma nova meta.

Encantava-me compreender a vida das pessoas nas suas casas, que eu observava à distância, como um detetive. Eu saía e voltava sem que as pessoas em minha casa se dessem conta.

Uma das coisas que mais me fascinava era observar a vida das pessoas, como se eu fosse um extraterrestre. Mais tarde eu perceberia esse mesmo sentido de *voyerismo* nos filmes de Alfred Hitchcock, em particular no seu inesquecível *Rear Window* (*Janela Indiscreta*), de 1954.

Desde cedo, caminhar era, para mim, algo íntimo - e um exercício de observação. Às vezes eu caminhava acompanhado do meu melhor amigo de então - meu querido cão, chamado Tufão. Ele era pequeno, sorria e era muito inteligente - parecia-me claramente bem mais inteligente do que alguns (ou muitos) humanos que eu então conhecia ou mesmo que viria a conhecer. Ele também adorava caminhar. Mas, muitas vezes eu ia sozinho. Caminhar era um exercício solitário. Era sempre uma aventura, exploração, descoberta.

Quando eu tinha cerca de oito anos de idade, decidi passar a ir e vir a pé da escola - que ficava a uns dois quilômetros de casa - descobrindo novos caminhos, explorando novos espaços, todos os dias.

Sempre que possível, eu não fazia a trajetória mais curta, mas aquela que pudesse trazer mais surpresas, mais descobertas.

Vivi um incontável número de histórias naquelas ruas. Eram miseráveis morrendo de fome, bêbados, drogados, homens flertando com mulheres, mulheres reunidas contando as aventuras do bairro, mulheres cuidando de casas, homens saindo de casa ou a elas chegando vindos do mundo do trabalho nas empresas, milionários, jovens, velhos... como geralmente acontecia naquela época. Não havia violência. As casas ainda não estavam cercadas por altos muros. Era um dos melhores e mais ricos bairros da cidade. Mas, como acontece em tudo, há sempre ratos e homens - figura que me marcaria muito mais tarde através do severo olhar interior de John

Steinbeck.

Aquele mundo que eu via, com todas as suas contradições, era perfeitamente igual aos melhores lugares das melhores cidades dos Estados Unidos ou da Europa. Muitos anos depois, eu perceberia que as pessoas imaginavam que os seus lugares eram sempre os melhores. Isso acontecia porque, seguramente, essas pessoas não tinham o hábito de caminhar, não eram livres.

Eu caminhava pelas ruas do Pacaembú, bairro em São Paulo, onde vivíamos, descobrindo espaços, sons, pássaros, desenhos de casas, árvores, cores, sombras, observando o comportamento humano.

A palavra *Pacaembú*, de origem tupi, significa "riacho das pacas". A paca é um roedor de grande porte típico nas Américas do Sul e Central. Quem visitasse o bairro estranharia o nome. Apesar das muitas árvores, as ruas eram, mesmo naquela época, já todas pavimentadas, tudo era muito limpo, organizado, e todas as ruas tinham as calçadas (passeios) bem feitas e bem mantidas particularmente quando consideramos a quantidade de chuvas na região - precisamente como a Europa ou os melhores lugares nos Estados Unidos.

Grande parte das casas era habitada por famílias europeias - franceses, alemães, portugueses, italianos, húngaros...

Não havia sinal de violência.

Era um mundo urbano pacífico.

Num certo sentido, essas caminhadas me faziam sentir livre como um ser alienígena.

Em Lisboa, ainda menino, eu caminhava livremente pelo bairro do Campo de Ourique, onde vivíamos. De tempos em tempos eu caminhava até à Baixa, passando pelo Rato, revolvendo ruas e ruas, como se fosse um descobridor.

Em 1996, compus um concerto onde todos os elementos musicais pertencem ao percurso de caminhadas mais frequentes feitas pelo grande poeta e pensador Fernando Pessoa. Esse concerto, com *première* mundial em Bruxelas naquele ano, foi dedicado à minha querida amiga e grande artista Irene Buarque.

Quando eu ia ao Luso, minha terra, próximo de Coimbra, eu caminhava todo o tempo, descobrindo e redescobrando cada milímetro daquele lugar encantador. Por vezes caminhávamos, meu irmão Josué e eu, com nossas primas até à Cruz Alta, ponto mais elevado do Bussaco, a floresta mágica - que são as montanhas ao lado do Luso.

Ainda nos anos 1960, Paris era a minha cidade preferida para caminhar. Quando estávamos lá, meu irmão Josué e eu caminhávamos livremente durante horas. O bairro que eu mais gostava de explorar era o Marais. E um dos lugares que eu mais amava caminhar era o Louvre.

Tudo era descoberta. Tudo era iluminação.

Caminhar sempre foi, para mim, um ato profundamente solitário. Sempre se tratou de uma operação de descoberta, de reflexão, de observação, de auto-consciência.

Mesmo quando caminhava com meu irmão Josué, por vezes separávamo-nos e combinamos um local e uma hora para nos reencontrarmos.

A partir dos meus cerca de quinze anos de idade, comecei a fotografar as minhas caminhadas. Foi um começo tímido.

Meu pai me ofereceu aquela que seria a minha primeira câmera fotográfica quando tinha quatorze ou quinze anos de idade. Era uma câmera muito simples, barata. Ele dizia que eu deveria ser capaz de fazer grandes fotografias com uma câmera mais simples, pois apenas então eu teria aprendido o quê é realmente a fotografia.

Ele tinha razão.

Essa abordagem da fotografia também era o fundamento do "ver", que está para muito além do "olhar".

A lição que nos diferencia o "ver" do "olhar" tinha uma história antiga.

Cerca de dez anos antes, quando eu tinha cerca de quatro anos de idade, meu pai me ensinou a desenhar. De fato, ele já vinha me ensinando a desenhar desde muito mais cedo - quando eu comecei a ser capaz de segurar um lápis - mas aos quatro anos ele se dedicou mais seriamente, ensinando-me as formas corretas para

segurar um lápis, como usar a borracha, como lidar com o papel, ou como manusear o compasso por exemplo, pois eram movimentos da observação e do corpo que tinham sido resultado de milhares de anos de experiência. Deveríamos aprender com aqueles que sabiam mais e, assim, deveríamos educar os nossos corpos.

Não apenas, o desenho não era aquilo que ficava marcado sobre a superfície do papel, mas sim algo que estava para muito além das linhas e pontos desenhados: era a nossa visão. Tratava-se daquilo que nos tornava capazes de ver, pois aquilo que somos capazes de "ver" é um trabalho de construção, dependente de uma educação, de uma tecnologia de pensamento.

"A mão educa os olhos" - ele me dizia.

É assim que nasce o ato de "ver".

Sem aprendizado não há "visão", tal como não há música sem educação da "audição", ou ela é muito pobre.

Desenhar nada mais era, portanto, que uma educação da visão. Ao aprendermos a desenhar... aprendíamos a "ver".

Muitos anos mais tarde eu me deliciaria com os ensinamentos de Ernst Gombrich entre outros, que nos guiavam na mesma direção.

Gombrich dizia: "Não há realidade sem interpretação; e assim como não há olhar inocente, também não há ouvido inocente".

Somente quando aprendemos a "ver" podemos fotografar, podemos "escrever com a luz". E isso é revelado pela própria etimologia da palavra "fotografia", que significa "escrita da luz". Para o fazer, é necessário aprender a "escrever" com a luz.

Qualquer um pode usar uma câmera fotográfica totalmente automática, digital, equipada com Inteligência Artificial, mas apesar de todos os seus recursos e de um resultado aparentemente excelente, não será uma "escrita da luz" se não houver uma "escritura", uma "visão" das coisas, uma cultura.

Fotografia é escritura.

A escritura não pode ser sintetizada por uma máquina, por melhor que seja. A escritura é a expressão do humano enquanto

linguagem.

Pode-se fazer simulações com o uso de recursos de Inteligência Artificial, tal como acontece com a chamada "música artificial", música "feita" por computadores e assim por diante. Em primeiro lugar, trata-se de música elaborada a partir de algoritmos desenhados pelo ser humano. Isso significa que é apenas um diferente processo de composição, não menos humano que qualquer outro. Por outro lado, a determinação de fórmulas pode tornar o resultado surpreendentemente "parecido" com algo que já conhecemos, mas nunca será uma crítica da cultura, um desnudamento das dinâmicas relações humanas, sempre em transformação e, portanto, não será verdadeiramente uma "escritura".

A palavra "escritura" lança suas remotas raízes etimológicas no Indo-europeu **skribh*, que indicava a ideia de "cortar", "separar", "peneirar", "distinguir". É sempre necessário distinguir para bem compreender. Dessa forma, a escrita não significa simplesmente encadear palavras, mas implicar um sentido, uma compreensão, e assim é uma "separação", uma espécie de "destaque" de algo num todo.

Essa dimensão epistemológica da "escritura" é o que diferencia a arte da ilustração ou da decoração.

A partir dos meus quinze anos, comecei a fotografar. Já tinha, então, vários anos de aprendizado, com muitos quilômetros de riscas desenhadas em quilos de papel.

Na minha infância eu preenchia continuamente cadernos e cadernos com desenhos. Se havia algo que o meu pai não permitia faltar em casa quando éramos crianças era lápis e papel.

Minha filha passou por idêntico percurso, embora de forma diferente.

Em todos esses casos, tudo era uma educação estética.

Alguém olha para alguma coisa e é necessário desenhar essa coisa para a "ver", desenvolvendo assim a nossa capacidade de distinguir linhas, cores, sombras e formas, desenvolvendo uma competência de síntese.

Dei ao meu primeiro ensaio fotográfico, de 1972, o título de *Aviões*. Era um ensaio feito em aviões e em aeroportos, basicamente na Suíça, em Portugal e em França. Eu tinha quinze anos de idade. Era já um ensaio relacionado ao ato de caminhar.

A partir daí, entre muitos outros ensaios e projetos, passei a fotografar cenas das minhas caminhadas. Passei a fotografar caminhos. Não todos. Mas regularmente.

Nessa época dei início a um gigantesco ensaio sobre a intervenção humana no planeta - sombras e luzes - e comecei a fotografar arquitetura.

Apenas quando eu tinha cerca de dezesseis ou dezessete anos descobri a obra de Henri David Thoreau - que me encantou imediatamente. E somente mais tarde o seu belo texto *Walking*, que me marcou para toda a vida. John Cage adorava os textos de Thoreau. Esse foi um fator de ligação entre as nossas almas.

Eu conheceria o John Cage apenas anos depois, em 1985, durante a 18ª Bienal Internacional de São Paulo em que participei com um grande concerto musical meu, onde as pessoas no público eram convidadas a caminhar continuamente entre os músicos, entre os sons. Embora eu e John começássemos a trabalhar juntos já em 1986, com Merce Cunningham, Bob Rauschenberg, Jasper Johns, Takehisa Kosugi, David Tudor, Christian Wolff, William Anastasi ou Dove Bradshaw entre outros, eu só viria saber que ele também amava caminhar algum tempo mais tarde.

No início dos anos 1980, portanto há mais de quarenta anos, Luciana e eu casamos. O nosso primeiro momento juntos, quando nos conhecemos, foi uma caminhada nas montanhas e florestas brasileiras. Ela ama caminhar e sempre caminha. Ela é uma caminhante solitária, eu também, mas levo comigo sempre a câmera fotográfica. Nunca deixamos de caminhar.

Ao longo dos trinta e dois anos que também vivi em Manhattan eu tinha o hábito de caminhar todos os dias pelas suas ruas. Adorava fazer isso. Eram caminhadas muito longas, de vários quilômetros. Mas, inadvertidamente, eu usava sapatos demasiadamente pesados, que causaram sérios problemas nos meus pés. Ainda assim, nunca parei de caminhar.

Quando estamos em Cascais, todos os dias pela manhã, Luciana e eu caminhamos pela praia, junto ao mar. São momentos deliciosos e iluminados.

A nossa caminhada juntos, Luciana e eu, não fica restrita ao plano material. Estamos caminhando há mais de quarenta anos através do amor, das descobertas, do permanente maravilhamento diante da Natureza, do Universo, da mente humana, das estrelas, da poesia, da arte, da filosofia, das ciências... diante de Deus.

Onde quer que possa acontecer, cada caminhada é uma história, um universo de descobertas e de iluminação.

Em Bolognano, Itália, nas maravilhosas montanhas do Parque Nacional da Maiella, nos Abruzzo, uma mágica aldeia medieval que é também a minha terra desde o início dos anos 1990, foram e têm sido incontáveis as caminhadas não apenas pelo burgo do ano 1000 como pelas trilhas nas montanhas, onde Joseph Beuys amava caminhar. Por essas trilhas caminharam muitos outros brilhantes espíritos, como o genial artista italiano Renzo Tieri, um irmão meu e um grande amigo de Beuys - entre outros.

Na Suíça, desde há muitos anos, adoro caminhar. Para René Berger, Jean Piaget e tantos outros, caminhar era uma parte essencial da vida, do amor pela Natureza e pela dimensão humana. A Suíça tornou-se definitivamente o meu país, penetrou profundamente na minha alma, e não tenho palavras para dizer o quanto aprendi e tenho vindo a aprender nas minhas caminhadas por lá.

Amo a Suíça.

Aquele que caminha, geralmente não fala sobre isso. Hoje, aos sessenta e cinco anos de idade, dou-me conta disso. Nunca falei sobre o caminhar.

Falo agora porque se trata de uma reflexão sobre a liberdade.

Penso que continuei sempre sendo um extraterrestre ao longo de toda a vida. Sempre desejei aprender com o humano, o seu olhar, o seu pensar - jamais cogitei usar o meu olhar na defesa de uma religião ou de uma ideologia, por exemplo. Eu deveria ser sempre livre.

Tudo para mim sempre foi - e continua sendo - aprendizado. Aprender, estudar, constitui para mim muito daquilo a que chamamos vulgarmente de "sentido da vida".

E isso significa liberdade.

A impressão que tive nessa longa caminhada até agora, desde o primeiro momento há cinquenta anos na minha adolescência, foi a de que havia uma diferença essencial entre Oriente e Ocidente. Uma diferença de postura.

A partir dos meus quinze anos de idade, aproximadamente, comecei a estudar mais intensamente tanto a filosofia ocidental como textos sagrados orientais. Rapidamente, Daisetz Suzuki - que tinha sido mestre de John Cage - tornou-se numa referência central para mim, sem que naquele momento eu tivesse realizado o relacionamento entre eles. Mas, havia ainda o magnífico e majestoso *Mahabharata*, as iluminadas reflexões de Jiddu Krishnamurti, vários textos clássicos tibetanos, histórias de Nagarjuna, de Milarepa ou de Lao-Tse entre outros.

Tive a impressão de que, de uma forma geral, o pensamento oriental era mais estático. Nele, a pessoa geralmente deveria ficar imóvel, parada. Por outro lado, toda a filosofia ocidental parecia ser caracterizada pelo livre caminhar, pela descoberta, pela exploração da metamorfose nos seus mais variados domínios.

Lao Tse, que viveu entre os séculos VI e V a.C. - que eu adoro profundamente - dizia: "Fique quieto. A quietude revelará os segredos da eternidade".

Por outro lado, Meister Eckart - o fabuloso mestre que viveu entre 1260 e cerca de 1328, dizia: "Para chegar ao âmago de Deus no seu máximo, você tem primeiro de chegar ao âmago de si próprio na sua parte mais ínfima, pois ninguém pode conhecer Deus se não se tiver conhecido a si mesmo. Esse âmago é uma quietude simples, que não se move, mas por cuja imobilidade todas as coisas são movidas e todas recebem vida".

Ambos estes grandes pensadores têm sido sempre fortes referências para mim ao longo dos anos, pelo menos desde que eu era um jovem adolescente.

Para Lao Tse a imobilidade é reveladora da eternidade; para

Eckart, embora a verdade não se mova, por ela todas as coisas se movem e recebem vida.

Para o primeiro, tudo é imobilidade; para o segundo, o movimento é a vida que revela a quietude.

Enquanto que no Oriente a pessoa deve ser uma obediente e passiva observadora, contemplando a Natureza e descobrindo o seu Eu interior; no Ocidente a pessoa deve ser uma ativa observadora desobediente, desenhando ambientes, subvertendo, caminhando, transformando-se, elaborando, descobrindo a Natureza na qual ela própria participa com o seu movimento.

Quando Aristóteles definiu a *peripeteia* como sendo a natureza essencial da realidade, tendo tudo composto por opostos, ele o faz em relação ao *peripatétikós* - que significa "caminhar" - e aos *peripatoi*: caminhos, passeios, calçadas que significaram o nome da sua escola filosófica: *peripatética*.

O caminhar está intimamente relacionado à nossa ideia de liberdade.

E liberdade nada mais é que conhecimento e respeito ao próximo, ao que nos circunda - essa é a natureza etimológica da nossa palavra "cultura".

Etimologicamente, a palavra *respeito* significa "olhar com atenção". Caminhar obriga à constante observação e aprendizado, em todos os sentidos.

Aquele que caminha, jamais o faz para destruir, mas sempre para descobrir.

Por outro lado, quem destrói, fa-lo com objetivo certo. Esse objetivo pode ser tomado apenas quando se está imóvel.

Numa caminhada, o objetivo é o pensamento, a observação, que estão no próprio processo de caminhar.

Se o caminhar implicasse, de alguma forma, destruição, o próprio caminho estaria condenado.

Uma guerra é a mais absoluta negação do caminhar.

Trata-se, no caminhar, da revelação de signos, sons, luzes,

formas, sombras, movimentos, comportamentos, pensamentos.

Portanto, caminhar é contemplação ativa: como colocar em movimento a imobilidade Oriental.

Quando caminhamos, tudo é mutação, tudo é metamorfose. Essa metamorfose produz um processo de diferenças - e apenas a diferença produz a consciência, como ensinava um antigo texto védico.

Somente pode existir respeito na metamorfose, caso contrário, ela deixaria de o ser e se tornaria em desintegração. Toda a metamorfose implica o conhecimento do outro, seja ele um processo humano ou biológico.

Por isso, caminhar significa operar ativamente a nossa auto-consciência.

E somente a consciência pode conduzir à paz e à liberdade.

Quando vivemos uma caminhada, percebemos a transformação dos lugares, dos nossos olhares, das formas de ver, a metamorfose dos diferentes universos das fragrâncias, sons, cores, do vento, da temperatura, do mundo que nos forma.

Mas, também nos revela a mutação de nós próprios, mostrando-nos quem realmente somos.

Para além disso, coloca diante de nós a consciência de que naqueles percursos também caminharam milhares e milhares de outras pessoas, vivendo momentos tão sagrados e íntimos como os nossos. Alguns deles desapareceram nas sombras do tempo, outros ainda estão vivos, e muitos outros vivos em nossas mentes.

Pessoas como John Cage, René Berger, Salvador Dali, Merce Cunningham, Fernando Pessoa, Honoré de Balzac, Arthur Rimbaud, Antonin Artaud, Joseph Beuys, Werner Heisenberg, Paul Dirac ou Henry David Thoreau caminharam sobre o mesmo solo que pisamos, viveram as mesmas paisagens e caminhos que nós vivemos. Estes entre muitos outros são nossos irmãos de caminhadas.

Caminhando é um ensaio fotográfico, com 365 dias fotografados ao longo de cinquenta anos, realizadas em cerca de cem cidades e lugares do planeta, em vinte países, na Europa, nas

Américas, no Médio Oriente, na África, e no Extremo Oriente.

Isso me trás à mente Jean Cocteau quando, em *Le Grand Écart*, de 1921, dizia: “No circo, uma mãe descuidada pode permitir que o seu filho participe nas experiências de um mágico chinês. Ele o coloca dentro de uma caixa. Ele abre a caixa; está vazia. Ele a fecha novamente. Ele a abre; a criança reaparece e volta para o seu lugar. Agora já não é a mesma criança. Ninguém duvida disso”.

Locarno 2022